

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: 20
Data: 01/03/72 Pg.: _____

Presidente da Funai proíbe avião da FAB de sobrevoar aldeia de índios gigantes

IBDF é a favor da mudança de pataxós

O Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal — IBDF — está de acordo com a decisão da Funai em transferir os descendentes do índio pataxós de Porto Seguro para o Município baiano de Santa Cruz de Cabrália, porque lá "eles terão moradia e alimentação."

Os pataxós não são contra a transferência, desde que a Fundação Nacional do Índio lhes dê a assistência necessária, segundo disse o chefe da tribo, Tururim, à diretora do Departamento de Pesquisas e Conservação do IBDF, Sra. Maria Teresa Jorge Pádua.

SEM COSTUMES

Num estudo que foi entregue há poucos dias ao presidente do IBDF, Sr. João Maurício Nabuco, a diretora do Departamento de Pesquisa e Conservação afirma que os pataxós descendem de um tronco indígena, mas os que moram perto do Monte Pascoal,

"não possuem nenhum costume indígena ou linguagem e condição tribal."

Eles vivem em apenas 5% da área junto à costa do Monte Pascoal, em número aproximado a 300. Na opinião da funcionária do IBDF, os descendentes dos pataxós "estão plenamente integrados no quadro rural brasileiro, devidamente aculturados e sem diferença de linguagem da fala do caboclo.

ENTENDIMENTO

O presidente do IBDF explicou ontem que existe um perfeito entendimento com a Funai e o Governo da Bahia. Acrescenta que enquanto o IBDF quer preservar o Parque Nacional do Monte Pascoal, protegendo a fauna e a flora, a Funai quer transferir os pataxós de um lugar em que eles não têm condições de sobrevivência, para dar-lhes casa e alimentação em Santa Cruz de Cabrália.

Brasília (Sucursal) — O presidente da Funai, General Bandeira de Melo, proibiu ontem que um avião da Força Aérea Brasileira — FAB — sobrevoasse a aldeia dos krenhakarore — os chamados índios gigantes — sob a alegação de que ele poderia atrasar os trabalhos de pacificação da tribo.

No avião — um C-47 — iriam apenas jornalistas e militares, sendo que o voo sobre a aldeia, planejado pela FAB há várias semanas, se realizaria hoje. Na sua proibição, o General Bandeira de Melo disse que a missão poderia assustar os krenhakarore, dificultando, assim, o trabalho da equipe de pacificação chefiada pelo sertanista Cláudio Vilas-Boas.

VÓO PROIBIDO

Os organizadores da viagem, que seria iniciada às 6 horas de hoje, ligaram à tarde para a Fundação Nacional do Índio a fim de pedir informações sobre a exata localização das três aldeias dos krenhakarore. Os aldeamentos ficam às margens do rio Peixoto de Azevedo, no Norte de Mato Grosso, perto do Pará. O próprio General Bandeira de Melo atendeu o telefone e disse que não poderia permitir o sobrevôo. A viagem seria realizada apenas para a tomada de fotografias das aldeias, depois de um pouso no Parque Nacional do Xingu.

Há um mês, aparelhos da FAB sobrevoaram duas vezes as aldeias, levando jornalistas a bordo. Foram tiradas fotos, consideradas de grande valor para os indígenas, e atrádos presentes para os krenhakarore. No segundo sobrevôo, realizado poucos dias depois, os índios mostravam-se em atitude mais agressiva, tendo alguns deles ameaçado disparar suas flechas em direção ao aparelho.

VELHO CONHECIDO

Os krenhakarores já conhecem aviões, com certeza, desde 1967, quando apareceram, às margens da pista de pouso da Base de Caçimbó, no Pará. O pessoal da Base ficou assustado com os índios e, pelo rádio, pediram aos pilotos de um

C-47 que se aproximava de Caçimbó que fizessem vôos rasantes sobre os curiosos krenhakarores. Na fuga, deixaram cair algumas de suas armas, e como as bordunas encontradas eram maiores do que as de outras tribos, surgiram afirmações, por parte de leigos, de que os krenhakarores eram "índios gigantes", com mais de dois metros de altura.

Uma dessas bordunas foi enviada pelo sertanista Orlando Vilas Boas para o antropólogo Roque Larala, da Universidade de Brasília. O antropólogo presume que os krenhakarores sejam caiapós, os últimos índios desse grupo, ainda não pacificados. Comentou que o tamanho da borduna não permite que se afirme que os krenhakarores são gigantes, frisando, no entanto, que todos os índios caiapós são altos, mas nunca com dois metros de altura.

A borduna krenhakarore que enfeita o gabinete de trabalho do antropólogo Roque Larala não é muito trabalhada. Tem cerca de 1,65m de altura e pode ser facilmente levantada e usada por qualquer branco de 1,70m.

A borduna é o instrumento de guerra preferido dos caiapós. A flecha é usada, principalmente, para enfiar o alvo — homem ou animal — permitindo a aproximação, em seguida, do caiapó. Com a borduna, ele acaba de matá-lo.